

NOVAS DATAS DE C14  
PARA ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS  
DO NORTE DE PORTUGAL

por **Vítor Oliveira Jorge**

Instituto de Arqueologia, Fac. Letras, U.P.

O objectivo deste breve trabalho é dar a conhecer algumas datas de radiocarbono, inéditas ou publicadas de forma insuficiente<sup>1</sup>, obtidas nos últimos anos para mamóas megalíticas escavadas na Serra da Aboboreira (Baião, distrito do Porto), além de uma outra referente ao abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia, em Paredes da Beira (S. João da Pesqueira, distrito de Viseu). Agradece-se a colaboração dos laboratórios que no-las forneceram, e que são o Centre des Faibles Radioactivités de Gif-sur-Yvette, França (Gif), o Lab. de Geocronologia do Instituto de Química Física «Rocasolano», Madrid (CSIC), o Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, Sacavém (ICEN), e o Centrum voor Isotopen Onderzoek da Univ. de Groningen, Holanda. Expressamos também o nosso reconhecimento ao IPPAR (ex-IPPC) pelo pagamento

---

<sup>1</sup> V., por ex., V. O. Jorge, As mamóas funerárias do Norte de Portugal (do Neolítico à Idade do Bronze Antigo) como elementos indicadores de uma progressiva complexidade social: esboço preliminar da questão, *Revista da Faculdade de Letras, História*, II.ª série, vol. IX, 1992, pp. 463-480 (esp. nota 1).

das análises efectuadas em Sacavém, e ao CSIC por igual atitude relativamente à datação obtida em Groningen<sup>2</sup>.

Continuamos, assim, a manifestar o que tem sido uma das nossas preocupações permanentes, nomeadamente em relação ao megalitismo do Norte de Portugal, e em particular à necrópole da Aboboreira: dotá-la de um quadro cronológico tão completo quanto possível, o que se não compadece com a obtenção de apenas uma ou duas datas para determinado monumento ou nível estratigráfico, mas implica a constante aquisição de novos elementos cronométricos, mesmo para estruturas ou camadas já consideradas «bem datadas» (ou seja, de acordo com as expectativas do arqueólogo). Trata-se, pois, de uma tarefa que prosseguirá ainda durante muito tempo. Neste momento, aguardamos resultados de análises referentes às mamaos de Cabras e de Chã de Arcas 3 (do projecto do C.A.S.A. — escavações de vários investigadores do GEAP) e à mamoa I do Alto da Portela do Pau, do projecto de Castro Laboreiro (Melgaço), iniciado em 1992 (de colab. com E. J. Lopes da Silva, A. M. Baptista e S. O. Jorge).

Em «Observações», foram indicadas calibrações de acordo com os laboratórios, sempre que estes no-las forneceram.

Eis as novas datas:

N.º de ordem	Proveniência	Resultados		Observações
		B.P.	a. C.	
Gif-8289	MAMO A 3 CHÃ PARADA (Baião) E8. C.4 a)  (v. V.O.J. <i>et alii</i> , 1988/89, p. 102)	5.070 ± 100	3.120 ± 100	<i>Topo solo antigo.</i> δ 13 C: — 25,84 ‰ Data cal.: Cal AC 4.130-3.684 Intervalo de confiança 95 % (2 sigmas). Cal. seg. Padzur e Micheczynska, <i>Radiocarbon</i> , 1990.

<sup>2</sup> Seja-nos permitido destacar a ajuda que, gratuitamente, há anos nos vem prestando o laboratório de Geocronologia do CSIC, e a amabilidade com que o seu responsável, Dr. Fernán Alonso, sempre nos distinguiu, num diálogo interdisciplinar que tem sido muito frutuoso.

Gif-8290	MAMOA 3 CHÃ PARADA (Baião) E9. C. 4 c) (ibidem)	6.910 ± 70	4.960 ± 70	Solo antigo, nível inferior. δ 13 C: — 25,59 ‰
Gif-8291	MAMOA 1 OUTEIRO ANTE (Baião) G8. C. 3 a) (ibidem, p. 102)	6.310 ± 80	4.360 ± 80	Terras negras sob o contraforte. Solo antigo. δ 13 C: — 24,77 ‰
CSIC-822	MAMOA 4 CHÃ PARADA (Baião) F4. C. 3	4.970 ± 50	3.020 ± 50	Lareira norte. Topo solo antigo.
CSIC-823	IDEM H6/G6. C. 3	4.910 ± 50	2.960 ± 50	Topo solo antigo. Sector oeste.
GrN-17433	IDEM Mesma localiz. de CSIC-822	5.055 ± 40	3.105 ± 40	Lareira norte. Topo solo antigo.
ICEN-890	IDEM Mesma localiz. de CSIC-822	5.240 ± 90	3.290 ± 90	Lareira norte. Topo solo antigo. δ 13 C: — 29,50 ‰ Data cal.: Cal AC 4.228-4.193; 4.160-3.983 (1 sigma): 4.334- -4.271; 4.270-3.940; 3.870-3.817 (2 sigmas) (intercepções em 4.037, 4.014 e 4.008 cal AC) Seg. Pearson et al., Radiocarbon, 1986.
ICEN-891	IDEM Mesma localiz. de CSIC-823	5.240 ± 70	3.290 ± 70	Topo solo antigo. Sector oeste. δ 13 C: — 25,78 ‰ Data cal.: Cal AC 4.223-4.198; 4.152- -3.991 (1 sigma); 4.240-3.950; 3.839-3.825 (2 sigma) (intercepções em

				4.037, 4.014 e 4.008 cal. AC). Seg. Pearson <i>et al.</i> , <i>Radiocarbon</i> , 1986.
CSIC-953	MAMOA I CHÃ PARADA (Baião) O7. C. 7. Prof.= 1,10 m.	4.920 ± 40	2.970 ± 40	<i>Solo antigo.</i> Sob grandes pedras da coroa circular periférica.
CSIC-954	IDEM O7. C. 7. Prof.= =0.80 m.	4.820 ± 40	2.870 ± 40	<i>Solo antigo.</i> Periferia (base) da mamoa.
ICEN-780	IDEM Mesma localiz. de CSIC-953	4.930 ± 50	2.980 ± 50	<i>Solo antigo.</i> Sob grandes pedras da coroa circular periférica. $\delta^{13}C$ : — 26,41 ‰ Data cal.: Cal AC 3.782-3.692; (1 sigma): 3.909-3.879; 3.810-3.640 (2 sigma) (intercepções em 3.773, 3.758 e 3.704 cal. AC). Seg. Pearson <i>et al.</i> <i>Radiocarbon</i> , 1986.
ICEN-781	IDEM Mesma localiz. de CSIC-954	4.980 ± 50	3.030 ± 50	<i>Solo antigo.</i> Periferia (base) da mamoa. $\delta^{13}C$ : — 27,24 ‰ Data cal.: Cal AC 3.906-3.881; 3.813-3.772; 3.761-3.703 (1 sigma): 3.950- -3.840; 3.820- -3.690 (2 sigma) (intercepção em 3.781 cal AC) Seg. Pearson <i>et al.</i> <i>Radiocarbon</i> , 1986.
CSIC-979	IDEM N7. C. 2. Prof.=1 m.	5.010 ± 35	3.060 ± 35	Base de um nível cinzento escuro, por vezes negro,

				<i>sobreposto ao contraforte.</i>
ICEN-904	FRAGA D' AIA (S. João da Pesqueira) B2. C. 3	6.290 ± 50	4.340 ± 50	Lareira 2. δ 13 C: — 24,62 ‰ Data cal.: Cal AC 5.319-5.257; 5.248-5.228 (1 sigma): 5.350- -5.200; 5.162-5.144 (2 sigma) (intercepção em 5.238 cal AC) Seg. Pearson <i>et al.</i> , <i>Radiocarbon</i> , 1986.

### Comentário:

*Mamoia 3 de Chã de Parada* — Grande mamoa provida de um dólmen sem corredor, com os esteios pintados, escavada por Fernando A. Silva<sup>3</sup>. Como já escrevemos noutra obra (V. O. Jorge, 1992, pp. 469-470 — v. refer.<sup>a</sup> 1), a data de 3.120 ± 100 anos para a construção desta mamoa é perfeitamente plausível, caso admitamos, por hipótese a confirmar, que o «topo do solo antigo», com carvões (tão visível em todo este monumento, quer nas sondagens de 1989, quer já aquando das escavações de Fernando Augusto Silva), correspondendo embora a um *terminus post quem*, pode equivaler, de facto, à fase em que o terreno foi alvo de uma «queimada de limpeza» para erecção da mamoa.

O solo antigo registou, também, a uma maior profundidade, um momento anterior em que foi queimada madeira (por causas naturais ou antrópicas?), datado dos inícios do V.º milénio a. C.

Ambas as datas são, pois, perfeitamente verosímeis.

*Mamoia 1 de Outeiro de Ante* — Grande mamoa do tipo da anterior (e do mesmo tipo da de Chã de Arcas 1, pertencente também à área do C.A.S.A., embora esta tenha corredor — inf. de Margarida Moreira e Lourenço Carneiro), com dólmen sem corredor provido de entrada,

<sup>3</sup> F. A. Silva, Escavação da Mamoa 3 de Chã de Parada — Serra da Aboboreira, Concelho de Baião, 1982-83, *Arqueologia*, 11, Junho 1985, pp. 39-51. V. O. Jorge *et alii*, Novos elementos sobre o megalitismo da Serra da Aboboreira (Baião), *Portugalia*, n. s., vol. IX/X, 1988/89, pp. 101-106.

escavado por nós<sup>4</sup>. Temos de considerar que esta data, obtida para uma amostra proveniente de uma sondagem espacialmente muito limitada, não corresponde, de modo algum, à construção do monumento, mas a um momento decerto muito anterior a ela. Assim, infelizmente, continuamos sem poder datar esta mamoa, das mais interessantes da necrópole, pelo seu tamanho, pela sua posição destacada no terreno, pela sua tipologia (com ampla câmara sem corredor aberta a nascente), e até pela proximidade de um pequeno «monumento-satélite», a mamoa 2 do mesmo núcleo (a qual revelou um espólio muito interessante).

*Mamoa 4 de Chã de Parada* — Mamoa contendo um dólmen simples, muito arruinado, escavada por Margarida Moreira e por nós<sup>5</sup>. Temos tentado obter o maior número de datações possível para o topo do «solo antigo» desta mamoa, pois se trata de outro caso paradigmático de um nível bem conservado sob o *tumulus*, e contendo, simultaneamente, uma lareira bem estruturada (lareira norte) (neste caso, diríamos tratar-se de um exemplo «de manual»), e outra menos regular, mas de qualquer modo com bastantes carvões, carvões que também existiam na área envolvente, na junção dos quadrados G6/H6, precisamente ao nível do topo do «solo antigo». Mais uma vez se nos tornou manifesto que, *se as lareiras, e mesmo os restos de carvão de madeira deste nível, não tivessem sido cobertos pela mamoa num lapso de tempo curto, a erosão não teria permitido a sua conservação tão perfeita*. Particularmente no caso da lareira norte, essa observação é indesmentível. O que significa que uma data para estas lareiras, ou para o nível a que correspondem, deve, em princípio, datar a construção, de forma muito mais segura do que qualquer outro indício cronológico (absoluto ou relativo) que pudéssemos ter encontrado, na câmara ou no *tumulus*. Raciocínio sobre o qual nos temos apoiado para afirmar que vale muitas vezes a pena, em termos de pesquisa, escavar dólmens que se encontram em elevado estado de ruína, como era o caso deste, porque a investigação cuidadosa permite com frequência obter dados importantes, mesmo nesses casos.

No entanto, apesar das «boas condições» arqueológicas de que partimos, os dados dos laboratórios têm apresentado importantes desfasamentos entre si, como se verifica pelas datas que apresentamos, bem

---

<sup>4</sup> V. O. Jorge, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante. Serra da Aboboreira — Baião, *Setúbal Arqueológica*, vol. VI/VII, 1980/81, pp. 85-111.

<sup>5</sup> V. artigo citado na nota seg. e V. O. Jorge, Datas de carbono 14 para a Mamoa de Chã de Parada 4, *Arqueologia*, 17, Junho 1988, pp. 121-124.

como por outras já publicadas anteriormente. Assim, a cronologia da lareira norte tem oscilado entre  $3.020 \pm 50$  a. C. (CSIC-822) e  $3.580 \pm 300$  a. C. (ICEN-170); note-se, porém, o grande desvio-padrão desta última data. Mas, mesmo que a eliminemos da nossa atenção, temporariamente, logo encontramos outra também muito antiga, de  $3.520 \pm 45$  a. C. (ICEN-162). Feita uma datação num terceiro laboratório para carvões obtidos na mesma recolha (todos os carvões provêm exactamente dessa mesma e única colheita, efectuada por nós e por Margarida Moreira durante as escavações de 1987), obteve-se a data de  $3.105 \pm 40$  a. C. (GrN-17433).

No que toca aos carvões da lareira oeste, foram datados pelo ICEN (ICEN-169) de  $3.470 \pm 40$  a. C., enquanto que carvões provenientes do mesmo nível e área deram o resultado de  $2.960 \pm 50$  a. C. (CSIC-823) e de  $3.290 \pm 70$  a. C. (ICEN-891).

Em suma, onde julgaríamos, de acordo com a nossa hipótese, formulada a partir de observações arqueológicas, encontrar carvões aproximadamente contemporâneos, as datas dão-nos uma disparidade que vai, genericamente, dos meados aos finais do IV.º milénio a. C.

Perante as nossas dúvidas, o Eng.º Monge Soares, do Laboratório de Isótopos Ambientais de Sacavém (ICEN), teve a amabilidade, que agradecemos, de prestar os seguintes esclarecimentos (em carta de Outubro de 1992, que nos permitimos, em parte, transcrever):

«Parece-me que o caminho que seguiste ao dividir as amostras e enviar os lotes resultantes para vários laboratórios não terá sido o melhor. Na verdade, só tem significado comparar datas obtidas em laboratórios diferentes a partir da mesma amostra se previamente a amostra tiver sido homogeneizada, o que me parece não ter sido feito no caso das tuas amostras. E isto ainda é mais válido quando se trata de amostras de carvões fragmentados, como é o caso, e que, ainda por cima, provêm de sedimentos húmicos, onde provavelmente existem carvões que nada têm a ver com a amostra que se pretende datar.

«Por outro lado, ao comparar as datas de laboratórios diferentes ter-se-á de ter em conta não só as incertezas ( $\sigma$ ) que lhes estão associadas mas também o «comportamento» da curva de calibração na região considerada.

«Por fim, é sabido que podem existir diferenças sistemáticas entre os resultados produzidos pelos laboratórios. Por isso, têm sido levados a cabo exercícios internacionais de intercomparação, nos quais séries de amostras, previamente homogeneizadas, são distribuídas aos laboratórios participantes sem que estes saibam quais os resultados correctos (*blind tests*). (...) Os resultados então obtidos (...) demonstram que não cometemos erros sistemáticos e que, por isso, o desvio padrão associado às

datas produzidas por este laboratório descreve correctamente a incerteza inerente às medições das grandezas físicas envolvidas no processo de datação. (...)

«Tendo em vista tudo isto, julgo que as diferenças nos teus resultados, quando existem, não devem ser procuradas em eventuais erros sistemáticos entre laboratórios, mas sim nas próprias amostras e contextos de onde provêm».

A estas palavras apenas devemos acrescentar três observações. A primeira, é que, tendo-se verificado serem muito antigas as primeiras datas obtidas para este nível (meados do IV.º milénio a. C.), e dispondo-se de mais carvões das mesmas recolhas, natural é que se tenha tentado repetir as análises para uma mais correcta aferição das conclusões cronológicas e até do modelo de «desenvolvimento» da necrópole que essas e outras datações então autorizavam. Quanto a «homogeneizar» as amostras, julgamos que só os laboratórios o devem fazer, e não os arqueólogos; pessoalmente desconhecemos qual o procedimento técnico adequado para tal efeito, e tudo o que procuramos é ter um extremo cuidado na manipulação das amostras, tanto na sua recolha, como na sua embalagem, no momento de as enviarmos aos laboratórios. Por fim, e em termos puramente arqueológicos, dificilmente se encontrará, em contexto megalítico, nível estratigráfico tão homogéneo e bem definido como o da camada 3 deste *tumulus*, que, na publicação respectiva, descrevemos assim: «Nível lenticular (...) praticamente horizontal, e marcando de forma clara a transição estratigráfica da mamoa propriamente dita para o nível subjacente, ou camada 4 [nível de base, de cor amarelada]. A este nível [ou seja, camada 3] encontravam-se duas lareiras, nas proximidades da câmara, uma na sanja oeste, outra na sanja norte (...). Aliás, todo ele continha bastantes carvões»<sup>6</sup>.

Por outro lado, a análise antracológica, realizada por Isabel Figueiral<sup>7</sup>, mostrou que os carvões recolhidos nas lareiras norte e oeste (entendida esta última como uma estrutura muito menos delimitável do que a anterior, e portanto, para efeitos de análise paleobotânica, abarcando os

---

<sup>6</sup> V. O. Jorge e M. Moreira, Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 16, Dez. 1987, p. 45.

<sup>7</sup> Isabel Figueiral, Antracologia e megalitismo: problemas e perspectivas. O caso do núcleo de Chã de Parada (Serra da Aboboreira), *Portugália*, nova série, vol. XIII, 1992, no prelo. V, também J.-L. Vernet e I. Figueiral, The highlands of Aboboreira (North-West Portugal): ecological conditions from Middle/Late Neolithic to Early Bronze Age. Evidence from charcoal analysis, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 12, n.º 1, March 1993, pp. 19-28.



carvões que em torno dela se encontravam espalhados) apresentam um panorama distinto, no que à gama de espécies representadas diz respeito. Segundo aquela autora, em 108 fragmentos analisados, provenientes da lareira norte, encontramos o Carvalho (possivelmente Carvalho alvarinho, espécie que em geral não ultrapassa hoje os 700 m. de altitude) e o Amieiro negro (espécie própria de zonas húmidas). Já na lareira oeste, além do Carvalho alvarinho, estaria também presente o Carvalho negral, que se dá bem em altitudes elevadas, a Vide-branca (trepadora eventualmente associada às árvores descritas), as Leguminosas (Giestas), ainda hoje tão abundantes nas áreas desflorestadas (que actualmente caracterizam quase todo o planalto), a Madressilva (que poderia desenvolver-se na floresta de carvalhos e sobreiros, ou surgir em zonas abundantes em água) e o Sobreiro, que hoje nunca ocorre a cotas superiores a 600 metros.

Num pequeno espaço, pois, e a partir de um limitado n.º de amostras (2 para a lareira norte, 3 para a lareira oeste) surge-nos, em especial no segundo caso, uma variedade considerável de espécies, parecendo sugerir a queima de vegetação existente no sítio juntamente com a utilização de lenha trazida de outros locais, embora estes pudessem situar-se nas redondezas, e o clima, os solos, e, em geral, o meio-ambiente da altura permitissem, segundo aquela autora, o desenvolvimento concomitante de espécies que hoje se encontram em áreas ecológicas diversificadas, como é o caso dos dois tipos de carvalho apontados. Situação que se articularia bem com a interpretação «arqueológica» que fazemos relativamente ao nível 3 desta mamoa: conjugação de lareiras mais ou menos estruturadas, perto da câmara, com uma acção de queima da vegetação numa área mais ampla.

Num contexto de «sociedades do símbolo», como seriam com toda a probabilidade as que construíram megálitos, não tem qualquer sentido a dicotomia «ritual/funcional» (porque tal dicotomia perverte a cosmovisão básica de tais sociedades, sujeitando-a a categorias do nosso pensamento de europeus ocidentais): seria assim descabido dizer que tais «lareiras» ou «queimadas» seriam possivelmente «rituais». É mais provável que a preparação do local, a construção e a «utilização» de uma mamoa megalítica se inserissem num ciclo de acções mais ou menos complexo, em articulação com uma visão do mundo e da morte que nos é difícil de discernir precisamente, mas que se realizava no seio da natureza (entendida não como um elemento exterior ao homem e à comunidade, mas como uma realidade totalizante em que estes se inseririam) e que visaria, através de um conjunto de «recomposições» espaciais, instalar uma «paisagem» sucessivamente carregada de sentido(s).

*Mamoia 1 de Chã de Parada* — Grande mamoa contendo um dólmen de corredor curto, escavada por nós, de colaboração com outros arqueólogos<sup>8</sup>. A coincidência das datas CSIC-953, CSIC-954, ICEN-780 e ICEN-981 em torno de 2.900/3.000 a. C. não deixa de ser estimulante da reflexão. Será que afinal este dólmen de corredor foi construído nessa época, e não um pouco mais tarde, durante a primeira metade do III.º milénio a. C., como até aqui, confessamos, nos tínhamos preferentemente inclinado a pensar? Pensar, mas não afirmando-o de forma categórica, porque já em 1988/89 prudentemente escrevíamos que, embora este monumento tivesse sido erigido durante aquela primeira metade do III.º milénio, estava «em suspenso um apuramento mais preciso da época da construção»<sup>9</sup>, que tanto podia tender para o seu princípio, como para o seu fim.

As datas acima referidas provêm do solo antigo, mas é importante acentuar que *não há aqui, em Chã de Parada 1, o providencial «nível de queimada» evidenciado em mamoas anteriormente citadas*, e noutras da Serra da Aboboreira, como Furnas 2, Meninas do Crasto 2 ou Mina do Simão. *Por isso não podemos saber qual a relação de cada uma destas datas, que é evidentemente um terminus post quem para o monumento, com a erecção deste*. No entanto, as datas, anteriormente publicadas, ICEN-172 (2.950 ± 260 a. C., infelizmente com um grande desvio-padrão) e ICEN-407 (2.930 ± 50 a. C.), referentes a carvões provenientes do solo antigo, reforçam a impressão de que este dólmen de corredor pode situar-se na charneira do IV.º e do III.º milénios, ou mesmo nos inícios deste último. E, nesse caso, todas as datas mais recentes até agora obtidas, para uma área onde a própria natureza do dólmen implicou constantes acções posteriores — a zona nascente, contígua à entrada — seriam referentes à «vida» deste «templo-sepulcro» durante o decorrer do III.º milénio a. C. Todavia, esta é uma simples hipótese, perfeitamente verosímil, dadas as datas de C14 conhecidas para dólmenes de corredor da Beira ou da Meseta Norte, mas que não podemos ultrapassar enquanto se não encontrarem condições estratigráficas mais seguras para a datação deste monumento, o que não é fácil vir a ocorrer. Talvez se pudesse fazer uma tentativa através de uma vala de sondagem na área imediatamente para norte da câmara, ao

<sup>8</sup> V. O. Jorge e A. Bettencourt, Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 17, Junho 1988, pp. 73-118. V. O. Jorge *et alii*, Novas escavações na Mamoa 1 de Chã de Parada — Baião, Serra da Aboboreira, 1990, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 32, 1992, pp. 173-200.

<sup>9</sup> V. O. Jorge *et alii*, *op. cit.* na nota 3 *supra*, p. 104.

longo dos quadrados I, J ou L — aqui fica a sugestão para futuros investigadores.

Aparentemente um pouco desconcertante, à primeira vista, seria a data de  $3.060 \pm 35$  a. C. (CSIC 979) para um nível escuro *sobreposto* ao contraforte. Mas é evidente que tal nível poderia conter carvões bem antigos, trazidos com as terras para a construção do montículo. É até perfeitamente natural que assim acontecesse, e que tais carvões nada tivessem a ver com aquela construção. Tudo isto nos mostra a prudência que temos de ter ao interpretar dados (cronológicos, artefactuais, paleoecológicos) provenientes das terras dos *tumuli*. Mas, neste caso particular, a data até não se desvia significativamente das restantes publicadas; por ex., ela não é estatisticamente anterior a CSIC-781. Assim, se o dólmen de Chã de Parada 1 foi construído c. de 2.900/3.000 a. C. — hipótese em aberto, repetimos, mas com um certo grau de verosimilhança — então os carvões incorporados nestas terras sobrepostas ao contraforte não lhe eram muito anteriores, se é que tem sentido «pedir» este grau de afinamento a um método como o C14.

É bem possível que, com a multiplicação das datações para outros monumentos da Aboboreira — cujo projecto entra este ano no seu 16.º ano consecutivo — se venha a concluir que, afinal, a «grande fase» da construção megalítica se situa em torno do período que vai de 3.300 a 2.900 a. C., com um episódio final de «recrudescimento» da actividade construtora — mas agora de mamoas sem megálito propriamente dito — nos inícios do II.º milénio a. C. A hipótese, de inspiração evolucionista linear, levantada por Domingos Cruz<sup>10</sup>, de que existiria todo um conjunto de mamoas pequenas, tardias, «intercalando-se» cronologicamente entre os dólmenes do Neolítico Final e os *cairns* do Bronze Antigo terá de ser testada por novos trabalhos e análises de C14. Talvez que em tal sentido as datas da mamoa de Cabras (em curso de escavação por J. M. Varela e C. S. Nunes) nos venham ajudar um pouco.

*Fraga d' Aia* — Abrigo sob rocha, granítico, contendo pinturas e sedimentos com vestígios de ocupação pré-histórica, estudado por uma larga equipa de arqueólogos, entre os quais nos encontramos. A presente data é a quarta obtida para uma fossa-lareira aberta no saibro de base do abrigo (lareira 2), ao nível da camada 3. Os carvões datados foram objecto de manipulação, no sentido de que foram obtidos por flutuação de sedimentos provenientes da mesma fossa. No entanto, esta data não

---

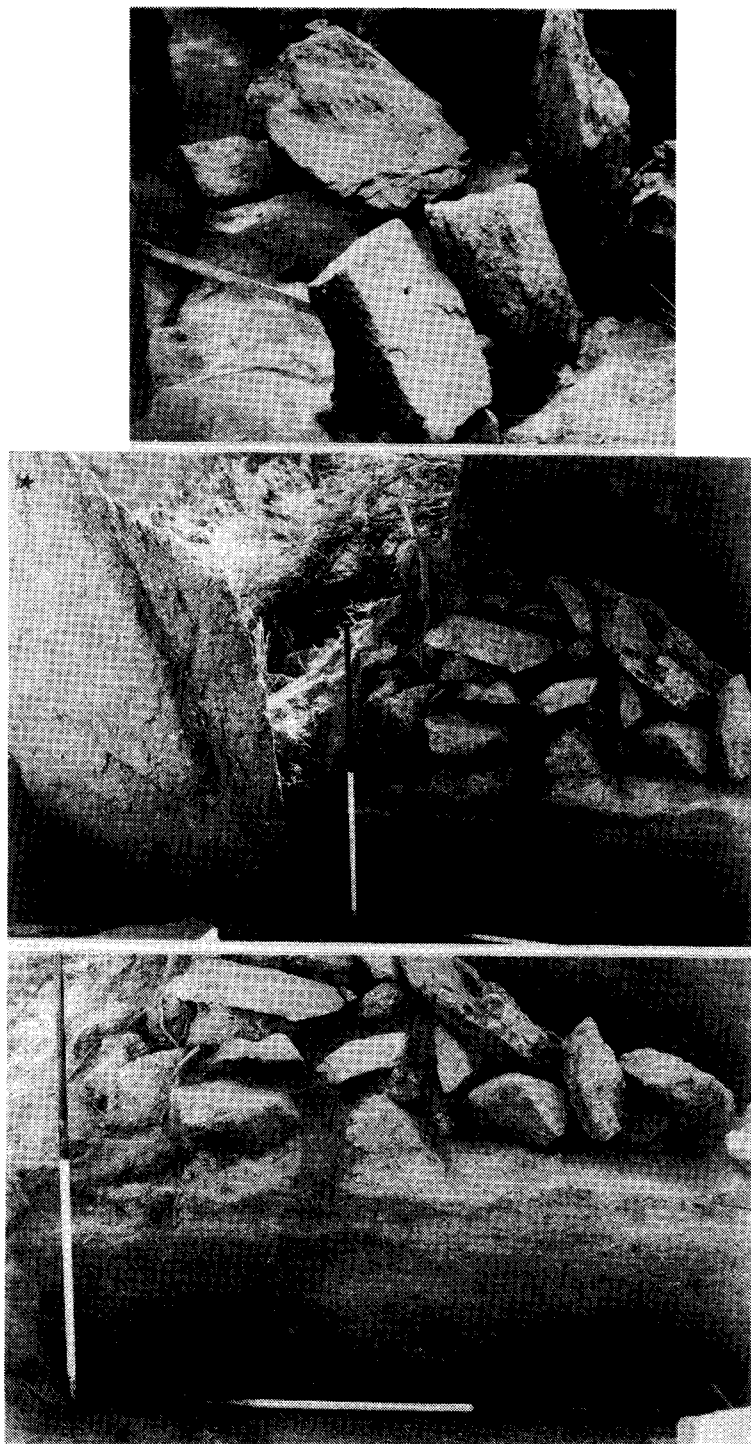
<sup>10</sup> Domingos J. da Cruz, *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal* (Serra da Aboboreira), Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 1992.

dista muito de outra obtida no ICEN para carvões da mesma lareira:  $4.540 \pm 60$  a. C. (ICEN-405). Contrasta, sim, com outras duas que foram produzidas no laboratório francês de Gif-sur-Yvette, as quais apontam para os finais do IV.<sup>o</sup> milénio a. C., e não para o V.<sup>o</sup> (GIF-7891:  $3.800 \pm 70$  a. C.; GIF-8079:  $3.740 \pm 70$  a. C.). Seja como for, acentua mais uma vez a grande antiguidade desta estrutura, que é um dos mais remotos vestígios da presença humana no Norte de Portugal numa época em que a cerâmica já era utilizada (um minúsculo fragmento de vaso foi encontrado na depressão; além disso, uma amostra dos seus carvões, estudada pela antracologia, revelou tratar-se de pinheiro bravo)<sup>11</sup>.

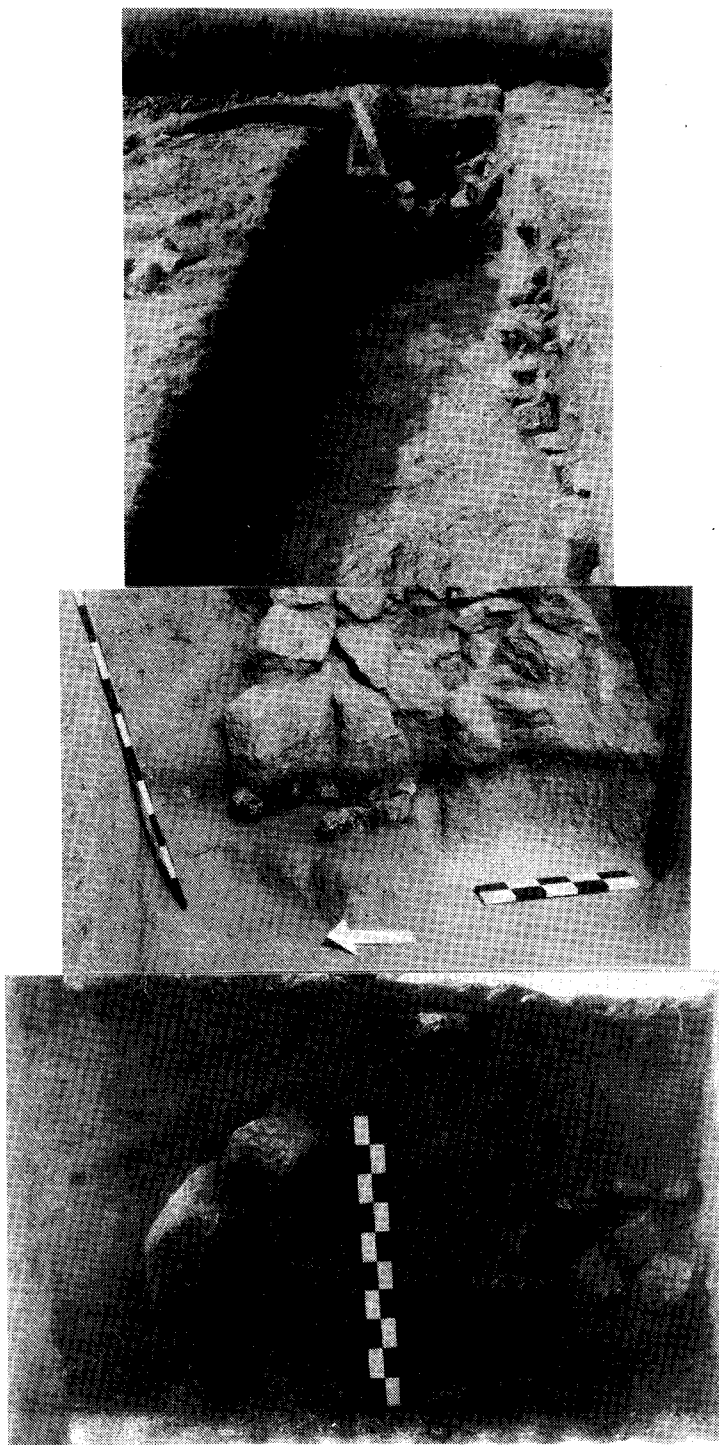
*Porto, Maio de 1993.*

---

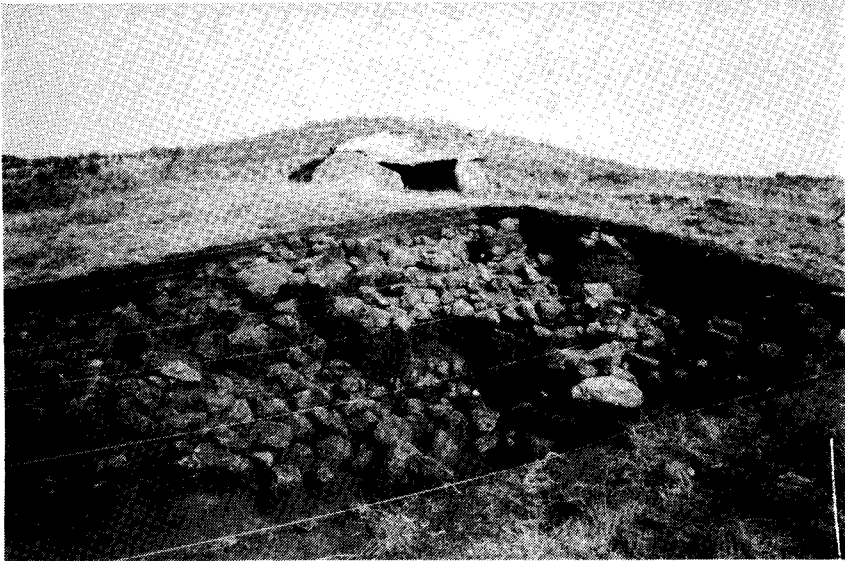
<sup>11</sup> V. V. O. Jorge, Novos dados sobre a Fraga d' Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 31, 1991, pp. 181-185 (neste pequeno artigo indica-se toda a bibliografia pertinente anteriormente publicada sobre o abrigo em causa).



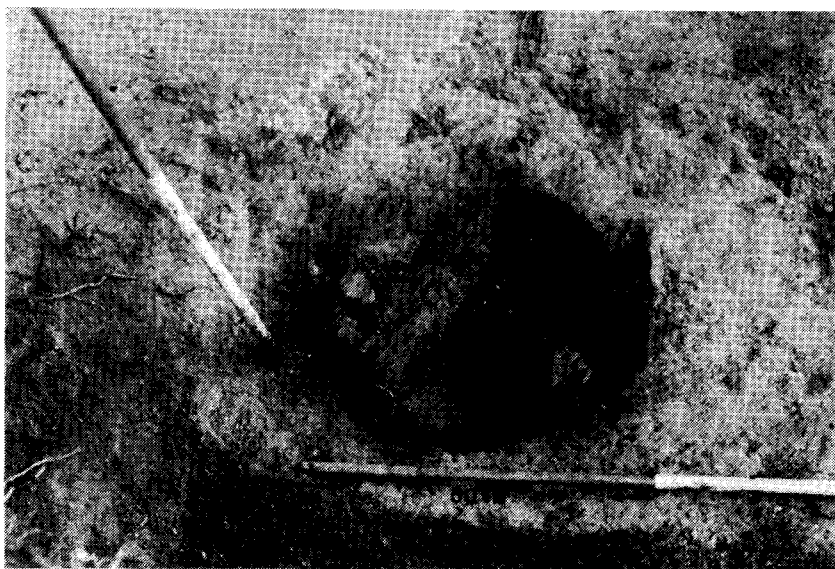
Est. 1 — *Chã de Parada 3* (1983 e 1990). Em cima, aspecto da câmara aquando das escavações de F. A. Silva (1983); o esteio assinalado com estrela é o mesmo da figura ao meio (1990), na qual se vê o contraforte e os níveis subjacentes; em baixo: camada 4A e 4C, de onde provêm as amostras GIF-8289 e GIF-8290, respectivamente (1990).



Est. II — *Chã de Parada 4* (1987): Em cima, aspecto do monumento, na sanja sul; ao centro, nível de carvões (assinalado por uma estrela) subjacente à mamoa na área da lareira oeste, sob e junto ao contraforte; em baixo, também assinalado por duas estrelas, idêntico nível de carvões, na sanja leste, lado sul.



Est. III — *Chã de Parada 1* (1990). Acima: aspecto geral do monumento, vendo-se o sector sul escavado, mostrando dois níveis de couraça fétrea; em baixo, sector oeste observando-se o contraforte e o local aproximado (assinalado pela seta) de onde provém a amostra CSIC-979 (sobre o contraforte).



Est. IV — *Fraga d'Aia* (1988). Acima: aspecto da fossa-lareira ao ser detectada; em baixo: a mesma estrutura em curso de escavação.